



O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

NOS RICOS EXEMPLOS DAS LUTAS CAMPONESAS NAS CEIFAS SAIBAMOS COLHER ENSINAMENTOS PARA NOVAS E MAIORES LUTAS FUTURAS!

(POR MELO)

As lutas das massas camponesas alentejanas nas ceifas deste ano, atingiram uma importância que ultrapassou as dos últimos anos. Sob a direcção do Partido mais de 60 mil camponesas e camponeses, dos quais mais de 20 mil correram à greve durante um, duas e até três semanas e conquistaram melhores jornas. Os agrários, com o apoio do fascismo, tapelaram a jorna que queriam impor aos camponeses, mas foram estes que lutando unidos e organizados obrigaram os agrários a pagar a jorna assentada pelos camponeses. Em lugar dos 16\$00 e 20\$00, que os agrários queriam impor, milhares de camponeses arrancaram, pela sua luta firme e abnegada, jornas de 35\$00 a 50\$00 e em certos casos ainda mais. Somente a luta firme, unida e organizada permitiu conquistar tais jornas. A prova que assim foi está o facto das jornas raramente terem ultrapassado os 25\$00 nas localidades e regiões onde os camponeses não lutaram.

A luta dos camponeses alentejanos estendeu-se a regiões onde há anos que não havia lutas. Nessas participaram maior número de assalariados e em muitas localidades as mulheres participaram na luta e revelaram grande capacidade. Os jovens camponeses, organizados em Comissões da MUJ Juvenil, deram em algumas regiões uma contribuição muito positiva, dinamizando e impulsionando a luta. Grande número de pequenos comerciantes (pideiros, merceeiros, etc.), apoiaram decididamente a luta e muitos deles ofereceram tudo o quanto os camponeses se aguentassem em greve. As Praças de Jorna foram conquistadas e outras foram criadas em localidades onde há anos não existiam.

Por outro lado, em vários aspectos as lutas não se limitaram às reivindicações económicas e transformaram-se em lutas de carácter político, em defesa da Paz, contra a repressão e protecção aos grandes agrários.

Todos estes factos revelam a crescente consciencialização revolucionária das massas camponesas e a enorme combatividade de que dão prova. Consolidar estas importantes vitórias e abrir perspectivas que alarguem os horizontes políticos das massas camponesas é uma das principais tarefas do Partido.

TRIUNFARAM AS DIRECTRIZES DO PARTIDO

As lutas dos camponeses alentejanos durante as ceifas, caracterizam-se pela vitória da justa e acertada orientação e direcção do Partido. A justa orientação do nosso Partido, as suas palavras de ordem, a orientação expressa em «O Camponês», foram acolhidas com o maior entusiasmo pelas vastas massas camponesas e, no essencial, foram inteiramente cumpridas. Esta conclusão traduz uma importante vitória política do Partido e põe em relevo a inabalável e crescente confiança que o camponês trabalhador deposita no Partido. O Partido soube dirigir acertadamente a luta e a esmagadora maioria das organizações partidárias souberam enfrentar firmemente as dificuldades impostas pela dureza da repressão fascista. Fracassaram as intenções do fascismo de localizar e prender os camaradas controladores e principais responsáveis das organizações camponesas do Partido, no intuito de desorganizar e impedir qualquer luta.

As importantes vitórias nas lutas das ceifas deste ano no Alentejo, podem resumir-se nas seguintes e princi-

pais conclusões:

1) Na consciência da classe adquirida ao longo de vários anos de luta, nas experiências dos anos anteriores e na divulgação das ricas experiências das lutas do ano passado, que elevaram a consciência revolucionária e o espírito de combatividade das massas camponesas.

2) A melhoria das organizações camponesas do Partido e o reforçamento da sua ligação com as massas, permitiu alargar a luta a outras regiões. O combate ao sectarismo e às concepções daqueles camaradas que descrem das possibilidades de luta nas suas localidades, o que permitiu romper com o sectarismo em algumas localidades e abrir perspectivas.

3) Tiveram um papel decisivo, as dezenas de Comissões de Unidade formadas; as reuniões de massas para assentar na jorna a exigir logo na primeira semana das ceifas, reuniões que em alguns casos tiveram a participação de 100, 150 e até 400 camponeses e camponesas, como foi o caso de Aldeia Nova; a conquista das Praças de Jorna, onde houve casos em que se concentraram em dias consecutivos, 500 e mais de 1000 camponeses e camponesas em greve.

4) A publicação «O Camponês», o que deu confiança às massas, garantiu a popularização e discussão prévia das jorna-propostas.

As experiências das lutas dos anos anteriores, o reforçamento da ligação DO PARTIDO com as massas, o papel desempenhado pelo «O Camponês», e a unidade, a firmeza e a organização das massas, são possíveis devido às Comissões de Unidade formadas às reuniões de massas realizadas e às Praças de Jorna conquistadas, foram as condições fundamentais que garantiram o êxito da luta.

A REPRESSÃO FOI FORÇADA A RECUAR

Pode-se afirmar que nunca houve, como este ano, uma tão grande repressão contra os camponeses em luta pela conquista de melhores jornas. Ainda faltavam meses para serem iniciadas as ceifas e já uma furiosa repressão se desencadeara. Para combaterem as suas acções criminosas, os agrários promoveram variadas reuniões, assistindo a muitas delas agentes da PIDE e da GNR. Deliberadas acções provocatórias com o fim de tentarem «justificar» prisões e a repressão foram feitas pelos agrários. Em Plas, várias eszinhelas apareceram cortadas, em Vale de Vargo foi incendiado um palheiro, etc.

Com estas e outras provocações e «justificações», foram presos centenas de camponeses, interrogados e torturados pela PIDE e GNR, e dezenas doutros foram revistados e espancados nas estradas. O comércio foi encerrado e proibidos todos os ajuntamentos em várias localidades dos conselhos de Moura, Serpa e Portel. Em todo o Alentejo a GNR tentou impedir que os camponeses fizessem Praça de Jornas e ameaçava fazer fogo. Os agrários fizeram despedimentos em massa, baixaram as jornas e faziam variadas ameaças antes e no decorrer das ceifas. Os comerciantes foram pressionados para não venderem fiado aos camponeses, estabeleceram-se tabelas de jornas e deixou-se por ceifar

ou ceifou-se já demasiadamente tarde e por isso se perderam, centenas de toneladas de cereais, tudo isto na esperança dos camponeses se renderem.

O fascismo e os agrários estavam esperançados de que a fome, a repressão e o feroz terrorismo que desencadearam, obrigaria os camponeses a aceitarem jorna da fome. Porém, a luta heróica de dezenas de milhares de camponeses, unidos organizados e orientados pelo nosso Partido, fizeram fracassar os objectivos da acção repressiva do fascismo e dos agrários, aliando por terra os seus criminosos desígnios. **A reacção das massas camponesas contra a repressão, nomeadamente em Fias, Vale de Vargo, Aldeia Nova e Benavila, onde houve concentrações de protesto contra a repressão, e a envergadura das lutas e o seu alargamento a várias regiões foram as razões principais que fez fracassar e recuar a repressão.**

DEFICIÊNCIAS E ERROS QUE IMPEDIRAM UMA MAIOR UNIDADE DAS MASSAS

Ainda antes de iniciadas as ceifas, muitos camponeses afirmavam: «Temos a vitória nas mãos!» e que «este ano, os agrários terão de pagar 100\$000!». Influenciados por este optimismo exagerado, em Fias e Vale de Vargo, os camponeses decidiram lutar pelos 50\$00 logo na primeira semana das ceifas. O Partido aconselhou os camponeses a conquistar e até ultrapassar os 50\$00 mas não logo na primeira semana e isso porque não estavam criadas as condições necessárias para a sua conquista **em bloco** no início das ceifas. Porém o Partido não fez os esforços necessários e foi de princípio impotente para levar os camponeses a compreender esta justa orientação. E isso porque?

a) Porque as ideias demasiado optimistas não estavam de acordo com as condições da luta existentes, dando origem a que muitos camponeses e até militantes do Partido, confundissem os seus desejos com as realidades.

b) porque era notório os agrários irem contratar ranchos do fora, em especial algarvios, além da utilização de dezenas de máquinas ceifadoras, o que não aconteceria no ano anterior, no sentido de fazer frente aos camponeses.

c) porque não permitia unificar a jorna em toda a região da margem esquerda do Guadiana, pois havia localidades onde a jorna assente para a 1ª semana era inferior aos 50\$00.

Em Aldeia Nova, as massas assentaram na jorna de 40\$00 para a primeira semana e 50\$00 quando trabalhassem fora da área, orientação inteiramente justa. Se esta orientação tivesse sido seguida em toda a região a unidade teria sido muito mais sólida, os ranchos do algarvios teriam sido atraídos mais facilmente à luta e a unidade. Assim enquanto em Aldeia Nova as massas conquistaram **em bloco**, os 40\$00 e 50\$00, em Fias e Vale de Vargo, houve um recuo e cerca de duas centenas de camponeses foram ceifar por outras regiões, por não quererem trabalhar por jorna inferior à que fora assente pela classe. Por estas razões a unidade ficou ameaçada e houve o perigo de ruírem todos os esforços e vitórias já alcançadas anteriormente e as massas camponesas ficarem sugeladas às jornas impostas pelos agrários. Porém, o Partido soube tomar medidas a tempo, as massas camponesas reagruparam as suas forças, reforçaram a sua unidade, concentraram-se nas Praças de Jornas e de novo recorreram à greve, obrigando assim os agrários a pagarem os 40\$00 e 50\$00 assentes pelos camponeses. Conquistaram, pois, uma bela vitória, mas ela teria sido mais ampla e não teria sido posta em perigo se na primeira semana das ceifas tivessem exigido 40\$00 e não os 50\$00, o que confirma a justiça de toda a orientação traçada pelo Partido.

Como é hábito, dezenas de ranchos de camponeses algarvios deslocaram-se para as ceifas do Alentejo. Procurando impedir a unidade com os ranchos algarvios, a G.N.R. guardou de dia e noite alguns desses ranchos. Mas apesar disso alguns desses ranchos participaram nas lutas e até nas greves, e unidos aos seus companheiros da região onde trabalhavam, conquistaram a jorna por todos assente. Isto prova como são falsos os conceitos de certos camaradas que subestimam a importância da unidade de acção com os seus irmãos algarvios e que alegaram que estes não se dispunham a lutar. Precisamente por esta razão, houve localidades onde renhuns esforços foram feitos para atrair à luta os camponeses algarvios e com eles fazer uma ampla

unidade que permitiria a conquista de melhores jornas.

As Casas do Povo não foram aproveitadas para mobilizar as massas na luta por melhores jornas, o que constituiu uma das principais deficiências. E isto porque as subestima a sua importância e as ricas experiências dos anos anteriores, o que se impõe corrigir.

É um facto muito positivo as mulheres terem participado na luta em grande número, mas traduz uma grave subestimação ter havido localidades e até regiões onde as mulheres se maniveram alheias da luta, não participaram nas Comissões de Unidade, nem se concentraram nas Praças de Jornas. Também houve casos em que jovens de 12 e 14 anos foram ceifar por jorna de 15\$00 e 18\$00, o que significa não ter existido a preocupação de lutar por uma jorna justa para estes jovens.

Estes exemplos indicam-nos que a unidade é a garantia da vitória, mas para que este aspecto fundamental da luta tenha êxito, é necessário conduzir acertadamente a luta. Quando uma luta é conduzida acertadamente, reforça-se a confiança das massas nessas possibilidades e a unidade torna-se uma força invencível. O contrário, dá origem à descrença, às vacilações e coloca-se a união das massas em perigo.

O SECTARISMO IMPEDE UMA MAIOR LIGAÇÃO COM AS MASSAS

Dezenas de camponeses deslocaram-se para fora das suas localidades e regiões para distribuírem «O Camponês» e organizarem e mobilizarem os camponeses contra as localidades, o que foi de enorme importância e permitiu alargar a luta e fortalecer a sua unidade. Este foi um aspecto multi-simo positivo. Entretanto, houve organizações do Partido que não tomaram medidas práticas neste sentido e que ainda noutros aspectos, não estiveram à altura das exigências da luta. Isto significa que as vitórias das massas camponesas e a vitória da justa e correcta orientação e direcção do nosso Partido, não nos devem levar a substar as variadas deficiências que existiram. Contudo, foi o sectarismo, que continua a prevalecer em certas organizações do Partido, a causa principal que impediu uma maior mobilização de massas.

Na região X, os camaradas responsáveis opunha à justa orientação do Partido a ideia de que as massas não deviam assentar na jorna a exigir na 1ª semana das ceifas, mas somente depois destas iniciadas. Com estes argumentos, esses camaradas procuravam encobrir o seu desejo de fugirem às lutas de massas e à luta organizada, defendendo o conceito da luta espontânea que traduz uma clara manifestação de oportunismo. Qual foi o resultado desta concepção? O resultado foi as jornas das primeiras semanas terem sido bastante baixas, e as empreitadas terem surgido em grande número.

Um camarada responsável da localidade W, tentando justificar a ausência de lutas no ano anterior, na sua localidade, dizia que «o Partido não conhece as massas daqui», colocando toda uma série de dificuldades. A luta veio provar que esse camarada é que não conhecia as massas da sua localidade. Foram formadas várias Comissões de Unidade, fez-se uma grande reunião de massas para assentar na jorna a exigir, foi conquistada a Praça de Jornas, os camponeses fizeram greve e conquistaram 40\$00 e 50\$00.

Estas e outras manifestações do sectarismo, não são mais do que tentativas de alguns camaradas para encobrir a sua débil ligação com as massas, o desconhecimento das suas reais disposições de luta e a falta de confiança nas massas. Combater o sectarismo e todas as suas manifestações, sistematicamente, arrancando-o pela raiz das fileiras do Partido, é uma condição fundamental para impulsionar novas e maiores lutas das massas camponesas e melhorar todos os aspectos da actividade do Partido.

O CAMINHO PARA MAIORES LUTAS

Actualmente, dezenas de milhares de camponeses debatem-se, da novo, no desemprego e na miséria. Isto exige discutir largamente as experiências das lutas dos anos anteriores, divulgar as vitórias obtidas por Pão e Trabalho e explicar as causas da miséria e do desemprego nos campos. O fascismo já foi obrigado a destinar para melhoramentos rurais 20 mil contos a mais que a verba normal. Isto representa uma importante vitória que é fruto das lutas das massas camponesas e

que revela o medo do fascismo por novas e mais potentes lutas. Tal facto prova, mais uma vez, que sómente a luta unida, firme e organizada forçará o fascismo a tomar medidas mais sérias e a destinar para o combate ao desemprego dinheiro que está a esbanjar em preparativos de guerra.

Na luta contra o desemprego, devem ser feitos todos os esforços para a formação da Comissão da Unidade que promovam concentrações e marchas de fome junto dos agrários, Casas do Povo e autoridades fascistas. A luta das massas camponesas deve ser orientada, principalmente, para junto dos agrários e suas herdeiras, exigindo trabalho ou meios com que possam viver com suas famílias. Em todas as concentrações e marchas de fome os camponeses devem levar as suas mulheres, irmãs e filhas, pois isso reforçará a unidade, tornará a luta mais firme e constituirá uma barreira à repressão fascista.

Na luta por Pão e Trabalho adquire importância a popularização entre as vastas massas do campesinato da necessidade dum Reforma Agrária que dê a terra a quem a trabalha, pois o latifúndio e a posse de milhares de hectares de terra nas mãos de meia dúzia de grandes agrários, são uma das causas principais do desemprego e miséria nos campos. Exigir que as Casas do Povo defendam os interesses do campesinato, trabalhador e esconderar das suas direcções os segreiros e seus ráteiros, elegerão para elas homens honrados e de grande importância. Na luta contra o fascismo e como forma de apoio às lutas reivindicativas das massas assalariadas, têm uma enorme importância atrair à luta os seareiros, meleiros, rendeiros, pequenos proprietários e comerciantes, na base das reivindicações concretas ligadas aos seus interesses comuns e específicos.

Mas para que as crescentes condições objectivas de luta se transformem em potentes acções reivindicativas e políticas é inadiável vencer o atraso

existente no terreno e nas formas da organização. Muitas organizações camponesas do Partido estão manifestamente atrasadas em relação às possibilidades e perspectivas da luta. Ainda é frequente o Partido desencanaar e dirigir lutas exclusivamente através da agitação ou ligações esporádicas. Isto exige reforçarmos a ligação com as massas camponesas através das vias orgânicas normais e regulares. Para isso é necessário melhorar as organizações do Partido e, paralelamente, realizar todos os esforços no sentido de estender a organização do Partido a outras regiões e, principalmente, aos grandes centros camponeses.

Por outro lado, as Comissões da Unidade camponesas devem tornar-se permanentes e transformar-se na forma normal de organização das massas camponesas na luta pelas suas reivindicações. As Comissões de Paz, do MND e do MUD Juvenil devem estender-se a todas as regiões. Só desta forma será possível vencer o atraso existente entre as formas da organização em relação às condições objectivas da luta.

O alargamento das organizações do Partido a outras regiões e localidades implica começar e recrutar para o Partido os camponeses que se têm revelado nas lutas. Tal tarefa para ser realizada com êxito exige que as organizações do Partido sejam melhoradas, reforçado o trabalho colectivo e os organismos criados, promover audaciosamente novos quadros e criar novos organismos.

Travar uma ampla discussão sobre os resultados das lutas das ceifas, seus aspectos positivos e negativos, tomar medidas práticas para corrigir as deficiências verificadas e melhorar, reforçar e alargar a outras regiões, as organizações do Partido é uma tarefa que se coloca ante todos os militantes e simpatizantes das regiões e centros camponeses. Fazendo-o, criaremos todas as condições essenciais para novas e mais potentes lutas de massas.

GUERRA SEM QUARTEL AOS PROVOCADORES !

(POR FALCÃO)



O desmascaramento, como provocadores, de elementos que durante mais ou menos tempo fizeram parte do P. e mesmo do seus organismos dirigentes tem sempre provocado incompreensões de membros do P. e simpatizantes da mais fiaca consciência revolucionária. Dando mais valor às suas impressões pessoais do que à decisão e informação do P., tais indivíduos discordam das instruções do P., duvidam que os seus amigos pessoais, que conhecem há tantos anos, sejam provocadores, e, em vez de seguirem as instruções do P., continuam tendo com eles relações pessoais e até políticas, defendem-nos e passam a colaborar desta forma na acção provocatória.

OS PROVOCADORES E OS SEUS AMIGOS

Em 1939, a FIDE conseguiu introduzir no P. e, entre outros, os seus agentes Armino Gonçalves (que chegou a fazer parte do CR de Lisboa durante muito tempo) e Pinto Loureiro. A acção destes provocadores deve-se a prisão de numerosos camaradas e o assalto a uma tipografia clandestina. Mas quando o P. os desmascarou vários membros do P. e simpatizantes tomaram a sua defesa, dizendo tratar-se dum "erro" e dum "injustiça". A maioria dos elementos que tomaram a defesa dos provocadores perdeu-se completamente.

Um deles, bem intencionado, ao compreender quem eram os seus "amigos" e a gravidade do seu erro, suicidou-se o estudante (Marcelino da Palma Carlos).

Em 1940-41, quando foi desmascarado o Gruppelho Provocatório da Velez Grilo, Vasco Carvalho, Teixeira & C., a acção do qual se dava, além da desagregação em alta escala, a prisão de numerosos camaradas, incluindo camaradas espanhóis, em Portugal, que foram entregues a Franco e fuzilados—também vários membros do P. e simpatizantes tomaram a sua defesa e, entre eles, alguns intelectuais que se recusaram a colaborar com o P. enquanto essa "questão interna" não fosse resolvida. Muitos elementos indecisos reconheceram mais tarde o seu erro. Outros perderam-se completamente.

Através da história do P., os provocadores têm sempre conseguido confundir e desorientar elementos mais débeis, influenciar-los, conquistar a sua amizade e confiança e obter assim defensores contra as justas acusações do P. e colaboradores na sua acção provocatória. O agente político Heitor, a cuja espionagem dentro do P. se deve a prisão de muitos camaradas, Carolina Loff,

que, primeiro em Espanha e depois em Portugal, disse a polícia quanto sabia e se tornou amante do agente investigador do seu processo, Mário Mesquita, que denunciou numerosos camaradas e andou orientando brigadas da FIDE para a localização e prisão de dirigentes do P.,—estes e outros miseráveis da pior espécie encontraram sempre amigos e defensores.

Cosa semelhante se passa na actualidade com o provocador Pitara Santos e outros. Apesar da evidência da sua acção desagregadora o divisionista, apesar das suas intrigas, calúnias e campanhas, que por si só o desmascaram, há ainda anti-fascistas e mesmo membros do P. que pensam tratar-se de pessoas "honestas", de "injustiças", de "questões pessoais". É de notar a cegueira de alguns em relação ao jornal "LER". A qualquer camarada com um mínimo da preparação (mesmo sem saber que o jornal é um instrumento das negociações dos aventureiros Lyon de Castro e da acção desagregadora do renegado Piteira Santos) deveria bastar a simples leitura de alguns números deste jornal para verificar que o seu conteúdo ideológico (apesar das grosseiras distorções) é podre de oportunismo, reaccionário e anti-comunista. Entretanto, há ainda camaradas que "lamentam" a posição de combate do P. e há mesmo anti-fascistas que continuam colaborando neste jornal—sendo de notar que alguns deles, são precisamente aqueles que em 1940-41 tomaram também a defesa do Gruppelho Provocatório. É evidente que estes elementos, a não reconhecerem com bravidade o seu erro, a continuarem dando ouvidos aos provocadores, a continuarem as suas relações pessoais literárias ou políticas com eles, acabarão por perder-se completamente no atoleiro da provocação.

AS DECISÕES DO PARTIDO ASSENTAM EM BASE SÓLIDA

Há camaradas e simpatizantes que não compreendem como a dureza da luta e em especial as condições de luta clandestina desde há mais de 20 anos facilitam os processos de degeneração política. E entretanto é accontentando-se tal elemento que conseguem passar satisfatoriamente algumas provas, vivem a diante de descair numa curva mais acentuada da via revolucionária. Para alguns deles, a expulsão do P. e o desmascaramento são a conclusão dum longo processo, onde se

repetiram as falhas e erros, os casos estranhos e as pequenas sanções, e onde o P. fez tudo quanto podia (e frequentemente mais do que devia) para os ajudar e tentar salvar.

Tomou-se ainda o caso de Figueira. Chamou-o ao quadro de funcionários e ao CC em 1943, sujeito a maiores exigências do trabalho e a um mais apertado controlo. Inevitavelmente se começou revelando como um oportunista pequeno-burguês, vaidoso e pessoalista, manifestando desprezo e ideias de superioridade em relação aos camaradas operários, e juntando a incompetência e o mau trabalho à indisciplina e presunção. As opiniões que defendia eram invariavelmente opiniões anti-leninistas e oportunistas, a seu tempo criticadas em documentos do P. Delegação do P. em organismos da Unidade anti-fascista, entrou em múltiplos e repetidos compromissos punitivos, contra a orientação e interesses do P., ocultando a situação à Direcção do P., sabotando a política partidária. Indisciplinado, não cumprira as directivas recebidas e chegava a faltar a encontros para não dar conta da sua actividade. Criticado numerosas vezes, negou-se sistematicamente a autocriticar-se. Por essas faltas foi expulso do CC em 1945. Preso nessa altura, fez (contra o compromisso que havia expressamente tomado) declarações à polícia acerca das suas tarefas, dos camaradas que o controlavam, de locais de encontros com o Secretariado, aconselhou outros camaradas presos a fazerem o mesmo e ocultar este comportamento ao P.. Censurado publicamente e afastado de qualquer trabalho da direcção em fins de 1945 (em que fosse então desconfiança a extensão e gravidade das suas declarações à polícia), em vez de autocriticar-se, rebelou-se novamente contra a sanção recebida, considerando-a « injusta » e espalhando entre os seus amigos ser motivada por ódios pessoais. Continuou a resistir fazendo parte do P. até que, em 1950, nova acção oportunista e desagregadora em relação ao movimento anti-fascista e a recusa de aceitar as instruções e a disciplina do P., respondendo a elas com uma acção cisionista e provocatória, levaram à sua expulsão pública. Depois disso, toda a acção deste provocador tem sido uma campanha de calúnias contra a Direcção do P., a tentativa de formação dum grupo cisionista, a divulgação de aspectos confidenciais de trabalho partidário, etc. Pois é este degenerado político que a ser conhecido o seu nome na polícia teria sido expulso em 1945 e não em 1950) que alguns camaradas e simpatizantes, envenenados pela propaganda dos provocadores, pensam ser uma « pessoa honesta » e a « vítima de más vontades pessoais ».

A maioria dos traidores e provocadores são sempre umas « vítimas das pessoas da Direcção do P. António de Sousa, ao ser expulso, pôs a circular que o foi a pcr, que com o seu talento e a sua cultura marxista « fazia sombra » à Direcção do P. (A. de S. acabara de publicar um ensaio sobre Keynes que é um compromisso com as ideias reaccionárias deste economista e onde abundam as falsificações do marxismo). Também Gilberto de Oliveira, por cada erro que cometea, atribuía a crítica a más vontades e perseguições. Para se ver o descalço dos provocadores, suas invenções e calúnias, note-se o seguinte exemplo. Uns anos atrás, quando alguns deles foram sancionados pelo P., puseram a correr tratar-se de ódios pessoais dum camarada que então fazia parte do Secretariado. Pois agora, não têm pejo de dizer que a sua expulsão se deve a ódios pessoais de outros camaradas e que ela se não teria dado se o aludido camarada (que se encontra preso) ainda estivesse no Secretariado...

Quando o P. desmascara publicamente qualquer provocador não o faz sem provas esmagadoras. Pode, por deficiência dum ou outra informação, haver uma enxada de detalhe. Mas a decisão é correcta e solidamente fundamentada. Se algum erro tem havido na luta contra provocadores desta espécie, é a insuficiente vigilância e a indulgência e liberalismo do P. durante demasiado tempo.

SEVERIDADE PARA QUEM DEFENDE OS PROVOCADORES

Nos últimos anos de guerra e no seu termo, os imperialistas americanos fizeram em Portugal um grande esforço para recrutar agentes de espionagem entre comunistas e simpatizantes. Para vencerem os últimos escrúpulos dos elementos que abordavam para esse fim, os americanos diziam ser aliados da U.R.S.S. e ser o objectivo dos seus serviços secretos a luta contra os nazis refugiados em Portugal. Indivíduos que em

tempo fizeram parte de organizações comunistas (Ochsenbender, Conceição, Callet, etc.) tornaram-se assim espiões assoldados pelos imperialistas, a quem estes inicialmente davam como tarefa seguir ou obter informação desta ou daquele elemento estrangeiro, para logo depois exigirem relatórios sobre o movimento anti-fascista e, em especial, sobre o P.C. É evidente que esses relatórios, além de servirem os imperialistas na sua acção contra o movimento operário e contra a independência de Portugal, eram comunicados à P.I.D.E.

Pois tem. Precisamente quando se davam estes casos de extrema traidoria e quando a Direcção do P. divulgava tais casos e apresentava os traidores com a sua verdadeira fisionomia, membros do P. que (não pevilhavam ideias oportunistas (« política de transição »), iludidos tal como Browder acerca do papel do imperialismo americano no pós-guerra, ou tomava uma posição dubia e hesitante, ou iam ao ponto de acharem bem (e até estimularem) tais « recrutamentos ». Em 1946 o renegado Gilberto de Oliveira, tendo conhecimento da entrada para os serviços de espionagem dos E.U. dum elemento que era seu velho conhecido e então fazia parte do organismo da direcção a que ele, Gilberto de Oliveira, pertencia, não o comunicou ao P., permitindo portanto que esse espião continuasse nesse organismo até que o P. o desmascarou e expulsou. O próprio Gilberto foi convidado por esse elemento para os mesmos serviços, nunca comunicando tal facto ao P. e dizendo apenas mais tarde que se tratava de uma « falta de acção ».

Vê-se que a Direcção do P. cometeu então um grave erro, sendo de excessiva liberalidade e indulgência para com Gilberto de Oliveira. A Direcção do P. atendeu a que era um militante antigo, com muitas provas dadas, que tinha em 1943 como em 1946 tivera uma conduta digna ante a polícia e que, libertado depois de 11 anos de prisão, dos quais a maior parte no Tarrafal, voltara à actividade clandestina. Mas a Direcção do P. tomou então apenas como incompreensão grave, como o produto do isolamento da luta em longos anos de prisão, o que era já um claro sintoma de degeneração política. E em vez de logo aplicar severas medidas disciplinares a G. Oliveira, limitou-se a censurá-lo e permitiu que ele continuasse na Direcção do P. para vir a criar novas e graves dificuldades até à sua expulsão.

Este exemplo, como outros que podem apreender-se, mostra como os compromissos com a provocação, o compadrio com provocadores é o caminho directo que conduz à provocação. Mostra como tal compadrio não deve ser desculpado nem tolerado. Todo aquele que tendo conhecimento da acção provocatória dum membro do P. o não comunica ao P. deve ser considerado como cúmplice dos provocadores e como tal tratado. Todo aquele que, informado pelo P. da acção provocatória de determinado elemento, e aconselhado a cortar as suas ligações com ele, não cumpre essas instruções, deve (pelo menos) ser imediatamente afastado de todo o trabalho partidário até que o seu caso seja resolvido disciplinarmente.

GUERRA ACS PROVOCADORES DE TODOS OS MATIZES

Há vários tipos de provocadores. Há os agentes da FIDE que conseguem introduzir-se na organização. Há elementos que, cumprindo inicialmente os seus deveres de comunistas, traem e renegam quando são presos. Há outros que são aliçados para um trabalho de provocação já depois de serem membros do P. Há ainda outros cuja acção provocatória fundamental consiste num trabalho de desagregação, na tentativa de formação de grupos cisionistas, na invenção de calúnias contra a Direcção do P., na divulgação de aspectos confidenciais da actividade partidária—tudo isto a pretexto de « divergências » e de « perseguições pessoais ». Todas estas espécies de provocadores são igualmente perigosas e a todas elas se tem de dar cabida sem contemplos e sem tréguas.

É de admitir que alguns camaradas e simpatizantes, pela sua fraca preparação política e escassa experiência, possam ter incompreensões. E seu dever e seu direito manifestar a sua opinião DENTRO do P. Mas é também seu dever cumprir entretanto as decisões e as instruções do P. Isto é princípio geral da orgânica partidária e, com mais forte razão, quando se trata da segurança do P., da luta do P. contra a acção do inimigo.

Na actual situação nacional e internacional, é de esperar que tanto os imperialistas anglo-americanos como os seus locais seculares façam um grande esforço para infiltrar o recrutamento de agentes provocadores nas fileiras

do P. É também de esperar que procurem cada vez mais obter informações acerca da actividade partidária por intermédio de incofindeciáveis e coevas com camaradas e simpatizantes. Por isso a vigilância tem de ser fortalecida dia a dia. Os cuidados no recrutamento e na promoção dos quadros tem de aumentar. O controle da actividade de cada camarada e em especial do seu trabalho conspirativo deve reforçar-se. Quaisquer relações suspeitas (mesmo que familiares, profissionais

ou «puremento pessoais») dum camarada devem constituir motivo para imediato reforçamento da vigilância tomando-se medidas apropriadas ao caso e à situação. A indisciplina quanto às medidas tomadas pelo P. para com os provocadores deve sujeitar os proferidores a imediatas sanções. É dever do P. opor a acção do inimigo uma luta resoluta e implacável. Só fazendo-o poderá cumprir a sua missão para com a classe operária e para com o povo português.

MELHOREMOS A NOSSA ACTIVIDADE NA LUTA PELA PAZ E PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL



(POR GOMES)

No nosso país têm-se realizado acções concretas na luta pela Paz, sendo de salientar a luta contra o Pacto do Atlântico por ocasião da Conferência da Nato em Lisboa, a recolha de assinaturas de porta em porta e o apreciável volume de agitação.

Mas o muito que se tem feito é ainda insuficiente. A luta pela Paz deve ser intensificada na base de acções concretas de massas. Chegam com frequência barcos carregados de material de guerra ao país, constroem-se aeródromos militares, fazem-se participar o exército e a marinha em exercícios de conjunto com as forças de outros países do Pacto do Atlântico; expropriam-se terrenos e moradias de agricultores em Monte Real e nos Açores para alargamento e construção de bases aéreas; são dadas todas as facilidades aos imperialistas norte-americanos para se apoderarem do território nacional. Coincidentes nas nobrezas para exploração das riquezas nacionais. Inúmeros casos poderíamos ainda citar e de todos eles salta à vista que os baixos salários, o desemprego, o encarecimento do custo da vida, o aumento dos impostos e o empobrecimento das classes médias, são o fruto da política de guerra que arruina o país e vende por dólares a nossa independência.

Entretanto estes problemas vivos não são agarrados, não se explica às massas o significado queirido de cada um destes factos, nem se mobilizam as massas, como se impõe, para acções concretas de luta. Esta é a razão fundamental da fraca actividade das massas na luta pela Paz.

Um exemplo bem recente mostra-nos as possibilidades que existem neste terreno: Uma camarada operária no caminho do trabalho travou conversa com um grupo de operários da outra fábrica. Falaram dos perigos de guerra e da necessidade da luta pela Paz. A nossa camarada levou-lhes o Apelo «Pela Paz entre as Nações» pediu-lhes que o assinassem, o que todos fizeram, mostraram-se dispostos a participar noutras acções de Paz. Este exemplo simples, mostra-nos como é possível recolher legalmente assinaturas de Paz e recrutar novos partidários da Paz activos, pois não será difícil formar entre estes operários uma Comissão de Paz. E a realização por toda a parte destas pequenas e simples acções de Paz que fortaleça a ligação com as massas e torna possível a realização de acções de Paz mais importantes.

Muitos camaradas porque ainda não compreenderam toda a largueza da luta pela Paz, não procuram as pessoas simples e limitam a sua actividade de Paz a círculos restritos de pessoas suas conhecidas. Outros pensam que não pode haver Comissões de Paz sem comunistas. Num organismo do Partido onde se discute a necessidade de se formar uma Comissão de Paz e intensificar a sua acção, houve camaradas que defenderam a ideia de que em cada comissão de Paz devia haver um comunista porque essa era a forma de as tornar mais activas e de as ligar às massas.

Estas incompreensões estão a criar obstáculos à participação activa das massas na luta. Devemos abrir uma intensa discussão crítica dentro dos organismos do Partido sobre a luta pela Paz e sabermos encontrar as formas práticas de mobilizar as massas.

Para desenvolvermos uma acção acertada devemos ter em atenção que a luta pela Paz é ampla, e abarca pessoas das mais variadas classes, tendências e credos, que pode e deve haver Comissões de Paz sem comunistas e que a organização de Comissões de Paz tem necessariamente que se estender a pontos onde ainda não existe organização do Partido.

Daqui se conclue que a nossa acção deve ser procurar organizar Comissões de Paz levando-as a editar documentos e tarjetas, a fazer agitação e propaganda contra a guerra, a realizar grandes e pequenas reuniões, e a recolher assinaturas para as campanhas em curso.

Na medida em que soubermos levar à prática esta orientação, realizaremos na justa actividade em defesa da Paz.

Muitos partidários da Paz não falam da União Soviética, da República Popular da China, das outras Democracias Populares e dos seus dirigentes, como defensores da Paz. Quando do falecimento do camarada Stáline, houve pessoas que procuraram impedir que em Comissões de Paz e em organismos legais progressistas se prestasse homenagem ao mais destacado e consequente lutador pela Paz e pelo bem estar dos povos — José Vissarionovich Stáline.

Estas falsas ideias de legalismo privam largas camadas do nosso povo de informações correctas sobre o verdadeiro carácter da guerra que os imperialistas procuram desencadear; sobre o papel da URSS, da República Popular da China e das outras Democracias Populares como vanguarda da luta pela Paz; sobre o seu respeito pela independência e a autonomia dos povos e da certeza de que estes povos não têm quaisquer intuítos agressivos. Com esta falsa concepção quase se ignora a existência de povos que constituem mais de um terço da população da Terra e que com os seus governos populares à frente, marcham com firmeza na vanguarda da luta pela Paz. Sem disso se aperceberem, os que defendem esta orientação facilitam o anti-sovietismo, característica comum dos fomentadores de guerra.

Mas não se julgue que é só entre homens sem partido que seistem estas concepções. Há camaradas do Partido que delas compartilham, o que aumenta a gravidade da questão. O Partido está a encarar este problema de frente esclarecendo os camaradas e liquidando tais conceitos dentro das suas fileiras. É necessário que em todos os organismos do Partido o problema seja discutido, pois este falso conceito reflete uma grande debilidade ideológica. A fidelidade à URSS e a confiança nos seus dirigentes deve estar presente em toda a actividade dos comunistas. Os camaradas que ainda têm incompreensões sobre o falarmos da URSS e dos seus dirigentes devem pensar nos exemplos brilhantes dados pelas massas em manifestações espontâneas de profundo pesar pela morte do camarada Stáline e no amor do nosso povo à URSS, devem aprender com as massas a rectificar na prática este erro grave.

Nós comunistas quando junto das massas desenvolvemos actividades de luta pela Paz, devemos tomar como regra não discutir as qualidades deste ou daquele regime, deste ou daquele modo de vida, mas nunca recuar referir-nos à URSS, à República Popular da China e às outras Democracias Populares, no que se refere às suas acções em favor da Paz e contra a guerra. Na luta pela Paz e pelo desarmamento da tensão internacional, devemos procurar que os amigos da Paz se inspirem na consequente política de Paz do governo soviético que já muitas vezes afirmou com energia que estava pronto a discutir, num pé de igualdade, todas as questões litigiosas, todas as propostas tendentes a fortalecer a Paz e a desenvolver as relações económicas e culturais o mais largas possível entre os Estados.

O apelo «Pela Paz entre as Nações», encontrou o melhor acolhimento nas massas. Já o assinaram padres católicos e protestantes, intelectuais e artistas de proleção nacional. Presentemente estão a ser recolhidas assinaturas entre as massas, nas fábricas, nos bairros, nos campos, etc. Este Apelo apareceu em Junho deste ano e nele se coloca ao governo português a questão de apoiar as «ligências para a conclusão dum Pacto de Paz entre as grandes potências». Porém, nesse mesmo mês de Junho, o Conselho Mundial da Paz reunido em Budapeste estando presentes delegados portugueses, discutiu amplamente a necessidade de serem resolvidos, por meios pacíficos, os problemas internacionais

que afectam a causa da Paz. Ao terminar a sua reunião, o Conselho Mundial da Paz publicou um **Apelo** e uma solene **Declaração convidando os povos de todo o mundo a pronunciarem-se em favor da NEGOCIAÇÃO como forma de solucionar os problemas em litígio**. Para atingir esse objectivo, criou-se uma campanha mundial para a recolha de assinaturas, campanha que foi recebida com entusiasmo em todo o mundo, mesmo por pessoas que até hoje se tinham mantido afastadas da luta pela Paz. Desta forma o Conselho Mundial da Paz tornou ainda mais ampla a luta pela Paz e encontrou a maneira prática de levar novas pessoas a manifestarem-se pela solução pacífica dos problemas pendentes que se arrastam e que os povos desejam ver solucionados.

Desta se conclui que o apelo "Pela Paz entre as Nações" para o qual se recolhem presentemente assinaturas no nosso país foi ultrapassado. A enorme importância do Apelo em favor da Negociação exige que nós, comunistas, devemos mobilizar as massas em seu favor e que sejamos os mais esforçados angariadores de assinaturas nas fábricas, nos bairros, nas colectividades, nas povoações, de porta em porta.

Como nos ensina o Partido, a luta pela Paz e pela Independência Nacional deve estar no centro da nossa actividade. O nosso dever é, pois, trabalharmos esforçadamente para reforçar e ampliar a luta pela Paz, muito particularmente no que se refere à sua ligação com as massas.

O reduzido número de Comissões de Paz nas empresas, noutros locais de trabalho e nos bairros populares é uma das debilidades e lacunas. Importa que em todo o Partido se discuta este grande déficiência e que ela seja rectificada. E a nós, comunistas, é às células de empresa do Partido que compete a honrosa tarefa de organizar Comissões activas de Paz. A classe operária, com o seu Partido à cabeça, é o elemento decisivo para o desenvolvimento da luta pela Paz. Todas as acções da classe operária em defesa da Paz fortalecem a luta e têm uma grande influência no encorajamento para a luta de outras camadas da população.

E uma poderosa contribuição para a luta pela Paz o

desenvolvimento das lutas reivindicativas das classes trabalhadoras pelo aumento de salários e jornais, contra o desemprego e a aceleração dos ritmos de trabalho, contra a carestia, pelo Pão e pela Têxtil, assim como a luta das classes médias contra os pesados impostos, contra as juntas e freguesias, e as lutas populares pelo embelezamento das rendas de casas, por melhoramentos locais, arranjos de estradas, etc. As lutas reivindicativas, além de satisfazerem os interesses imediatos das massas são também acções de luta pela Paz porque deturcam a política de guerra do salazarismo e forçam-no a empregar em obras e benefícios de interesse nacional parte dos dinheiros destinados a despesas da guerra. A este respeito é significativa a greve das greves e lutas dos camponeses e enjeitados tenham forçado o salazarismo, com recato de novas lutas contra o desemprego a atribuir rapidamente 20 mil contos como verba extraordinária para abrir trabalhos no campo, quando o orçamento geral do Estado para este ano tinham sido atribuídos para melhoramentos rurais somente 30 mil contos.

Deve ser nossa preocupação que no decorrer de cada luta reivindicativa das massas explicarmos às massas a origem da sua miséria provém da política de guerra e da exploração fascista para que as massas compreendam que a sua luta está intimamente ligada à luta pela Paz e pela Independência Nacional.

A grandiosa tarefa da conquista da Paz e da Independência Nacional impõe aos comunistas o dever de rectificar as incompreensões que ainda existem sobre a largueza e a importância dessa luta sabendo levar à prática a linha política do nosso Partido que nos ensina a desenvolver acções de massas pelo Pão, pela Paz e pela Independência e a apoiar o Movimento da Paz sem qualquer reserva, fazendo todos os esforços para o alargar e consolidar. Isto quer dizer que o Movimento da Paz devemos respeitá-lo intrinsecamente o seu programa. Mas isto não anula os reparos e críticas que, sempre de forma construtiva, se em ser feitos sobre falsos conceitos que, possam impedir o alargamento e a consolidação da luta pela Paz no nosso país.



FIRMEZA E INTRANSIGÊNCIA REVOLUCIONÁRIA ANTE O INIMIGO DE CLASSE

(POR FREITAS)

O Partido tem educado os seus militantes no espírito da firmeza e intransigência revolucionária perante o inimigo de classe. Os mártires e heróis do nosso Partido tais como Bento Gonçalves, Militão Ribeiro, Alex, José Moreira, Ferreira Marques e tantos outros cujos nomes ficaram para sempre gravados no coração da classe operária e do povo, são altos exemplos de conduta comunista e de abnegação sem limites à causa do proletariado e à causa da libertação do povo português do jugo fascista. Álvaro Cunhal, Francisco Miguel, Manuel Rodrigues da Silva, Joaquim Campino, António Dias Lourenço, e tantos outros que enfrentam neste momento, nas prisões salazaristas, o ódio vazio dos carrascos fascistas, são outros tantos exemplos de conduta revolucionária, constituem o orgulho do nosso Partido e são exemplo inspiradores para todos os democratas e partidários da Paz do nosso país.

Tão numerosos e nobres exemplos a par do trabalho de educação política realizado pelo Partido nos últimos anos, trabalho este e, pressa nas publicações do nosso Partido entre as quais destacamos três documentos fundamentais, os folhetos: «Se Fosse Preso Camarada...», «Firmeza e Intransigência Revolucionária Perante o Inimigo de Classe» e a intervenção de Álvaro Cunhal «Ante o Tribunal Salazarista», têm contribuído poderosamente para armar ideologicamente os comunistas e todas as pessoas honradas para enfrentarem dignamente o inimigo fascista. Por este facto, só cada vez mais numerosos os casos de bom porte ante o inimigo não só entre os quadros do Partido, como entre as massas de jovens, democratas e partidários da Paz vítimas da repressão fascista. São exemplos dignos de registo, entre tantos outros os mais recentes casos do José Vitoriano, Rogério de Carvalho, Carlos Costa e Maria Angela todos membros do Partido; dos jovens José Gomes, António Marques, Ildio Esteves de Lisboa e José Gil de Alhandra aderentes do MUDJ; os democratas Dr. Andrade e Mário Sacramento de Aveiro, e Hernani do Porto e os partidários da Paz Silas Serqueira e Francisco Cipriano de Lisboa; todos eles se recusaram valorosamente a prestar declarações à PIDE.

Tem uma enorme importância política e constitui uma prova da elevação do nível político das massas e do isolamento cada vez maior do fascismo, o facto de se tornar corrente a recusa de prestar declarações à polícia. Este facto traduz o resultado do grande trabalho de esclarecimento político por parte do nosso Partido entre as massas do nosso povo acerca do verdadeiro carácter do fascismo. Este facto obriga o inimigo a reavaliar os seus propósitos repressivos e torna mais difícil a sua criminoso acção pois aqueles que souberam manter a fidelidade ao Partido não prestam declarações, defendem a organização e os camaradas da repressão fascista permitindo assim o fortalecimento das organizações e fomentando a confiança das massas no Partido e nos seus militantes.

EM GUARDA CONTRA TODOS OS MÉTODOS E HABILIDADES POLICIAIS — — O INIMIGO É SEMPRE O INIMIGO !

A posição política dos comunistas frente ao inimigo fascista está desde há muito definida pelo nosso Partido nos seus documentos e concretizada na prática pelos inúmeros exemplos de conduta comunista com que o Partido conta, posição política que o nosso querido dirigente, Álvaro Cunhal, definiu mais uma vez ante o Tribunal salazarista ao dizer: «Um membro do Partido Comunista Português força política de vanguarda na luta pela Democracia, a Independência Nacional e uma Paz duradoura, não tem quaisquer declarações a fazer à polícia política, instrumento de repressão violenta exercida contra os trabalhadores e contra os portugueses democratas, patriotas e partidários da Paz».

Porque têm no entanto surgido certas incompreensões quanto a uma conduta correcta em todas as fases da passagem dos comunistas pelas mãos da PIDE, queremos aqui referir-nos a algumas delas.

Face aos insucessos na aplicação de métodos de re-

pressão violenta, em muitos casos, a PIDE modifica a sua tática utilizando aos mesmos presos, métodos «cavalheirescos» e «boas maneiras», conseguindo algumas vezes, desta forma, alterar a fimeza política das atitudes dessas pessoas. O erro de alguns camaradas neste caso tem sido por lhe subirem os êxitos à cartela na luta contra a PIDE, considerando essa mudança de tática por parte da polícia como uma vitória COMPLETA da sua parte e não como uma continuação da ofensiva policial sob novas formas. Um camarada houve, recentemente, que nos primeiros dias da sua prisão foi espancado barbaramente durante horas seguidas tendo-se portado valentemente, demonstrando à polícia que nenhuma das suas torturas conseguia arrancar-lhe qualquer declaração. Nos interrogatórios a que foi submetido durante esses dias o nosso camarada tomou sempre uma atitude firme para com os seus carrascos, mesmo na sua conduta pessoal. Convidado do tipo de preso que tinha pela frente, a polícia mudou de tática e, utilizando outros agentes entre pelo caminho das «boas maneiras» e das atitudes «cavalheirescas», conseguindo dessa forma quebrar a firmeza política na conduta pessoal do nosso camarada o qual passou a aceitar os cumprimentos dos agentes, a ouvir e contar anedotas, aceitando mesmo jogar às cartas com os agentes que o guardavam. Ainda que este camarada tenha reconhecido e rectificado logo a seguir o seu erro, tomando em definitivo uma atitude de firmeza política para com a PIDE, estes factos demonstram um baixo nível político por parte deste camarada e um grave incompreensão acerca do verdadeiro carácter do inimigo de classe.

A firmeza política perante o inimigo e a intransigência revolucionária que os comunistas têm o dever de demonstrar para continuar a desempenhar o honroso papel de guia e exemplo para todos os trabalhadores e para todos os portugueses democratas, patriotas e partidários da Paz têm de manifestar-se em todas as atitudes frente ao inimigo. A PIDE deve ser vista sempre como realmente é, um bando de assassinos e inimigos do povo, qualquer que seja a máscara com que se apresentem os seus agentes e quaisquer que sejam os seus métodos de acção.

Outro exemplo de incompreensão quanto à verdadeira natureza do inimigo e da acção e objectivos da Pida, é o daqueles camaradas que numa prisão fascista consideravam natural responder aos autos de perguntas dum prelo não querendo falar pela PIDE às origens dum luta prisional. Os nossos camaradas, que quando da sua passagem pela polícia tomaram uma atitude firme, recusando-se a prestar quaisquer declarações, estabeleciam neste caso uma diferenciação na acção criminosa da PIDE. Admitiram por momentos que da parte do bando de assassinos que é a PIDE, pudesse haver um propósito honesto de estabelecer a verdade dos factos que viesse a pôr a claro, perante as autoridades, a justiça da luta prisional como os nossos camaradas pretendiam. Ainda que, também neste caso, os nossos camaradas tenham rectificado imediatamente a sua posição, este facto demonstra-nos, mais uma vez, a necessidade de ter sempre bem presente no nosso espírito, o ÓDIO SAGRADO DE CLASSE que os comunistas devem sentir para com os seus inimigos. A PIDE deve ser considerada sempre como uma organização de criminosos e considerada como criminosa toda a sua acção.

Quer nos referir-nos, finalmente, a dois aspectos da conduta dos comunistas perante a polícia os quais têm algumas vezes suscitado vacilações e atitudes menos correctas politicamente.

O PROBLEMA DE FAZER OU NÃO FAZER «ESTÁTUAS»

Um dos processos mais usuais de tortura utilizados pela PIDE, consistem em fazer permanecer os presos

durante longas horas de pé proibindo-lhes que se sentem. Esta forma de tortura é conhecida por «estátua». Camaradas houve que foram submetidos a este processo da tortura durante muitos dias seguidos sem que isso abalasse a sua firmeza revolucionária a qual nada tem a ver com a resistência física. Estas camaradas demonstraram na prática a falsidade da teoria policial de que a resistência e firmeza política tem como limite a resistência física. Os melhores exemplos de firmeza e intransigência revolucionária com que o nosso Partido conta, demonstraram claramente que a resistência física para os comunistas só tem por limite o limite da própria vida e que a resistência moral e política é ilimitada. Ficou assim destruída a falsa teoria do limite da resistência física com que alguns elementos cobardes e traidores pretendiam justificar a sua traição.

Depois da feita essa experiência o Partido considera vexatório para os comunistas o submeterem-se ao suplício da estátua e por isso tomou a resolução de que nenhum camarada deve submeter-se a essa forma de tortura. O fazer estátua, sendo uma forma de tortura imposta pela polícia, só se torna no entanto possível das de que o preso a consina, desde que tome ante ela uma atitude passiva. Ora, um comunista não pode nem deve colaborar com a polícia facilitando a aplicação de seus métodos de tortura. E neste caso isso é perfeitamente evitável, recusando-se terminantemente a permanecer de pé. Ao contrário do que a polícia pretende fazer crer, esta atitude não é uma manifestação de fraqueza mas sim de valentia e firmeza política.

ASSINATURA DE AUTOS E RUBRICA DE DOCUMENTOS

A polícia pretende geralmente diminuir o significado da assinatura dos autos procurando demonstrar que se trata de mera formalidade burocrática, com o que tem levado à vacilação alguns camaradas menos preparados politicamente. Ainda recentemente um camarada cometeu o erro de assinar os autos com a ideia de que assinando impedia que a polícia viesse a fazer outros na sua ausência onde lhe atribuisse declarações que não faz... só uma grande ingenuidade política pode conduzir à ideia de que uma simples assinatura num documento policial (que fica exclusivamente em poder da polícia) pode impedir esta de forjar quaisquer outros. É por isso alguma vantagem na sua acção criminosa contra o nosso Partido.

Só um comunista se nega a responder às perguntas da polícia, porque ha-de assinar os autos das perguntas a que não responde? Se os camaradas que têm tido vacilação neste aspecto puserem a si próprios esta questão fácil lhes será encontrar o caminho justo. Assinar os autos de perguntas depois de tomar a posição justa de se negar a responder às perguntas da polícia pelas razões formuladas, é, em certa medida, reconhecer legalidade à polícia. O mesmo se pode dizer da rubrica dos documentos apreendidos ou dos autos de apreensão dos direitos e outros valores do Partido. Rubrica-os significa reconhecer legalidade à acção criminosa da polícia ao apoderar-se desses bens do nosso Partido. Por isso todos os camaradas, devem recusar-se a rubricar os autos ou quaisquer documentos que lhes sejam apresentados pela polícia.

Que os comunistas saibam em todas as circunstâncias ser um guia e um exemplo para todos os trabalhadores, para todos os portugueses democratas, patriotas e partidários da Paz!

Intensifiquemos em todas as organizações a discussão e o estudo dos materiais do nosso Partido que tratam da conduta dos comunistas perante o inimigo de classe com vistas a elevar o nível político e ideológico de todo o Partido educando assim todos os militantes no espírito da firmeza e intransigência perante o inimigo como nos ensina com o seu exemplo o nosso querido dirigente ALVARO CUNHAL.

O DERRUBAMENTO DO FASCISMO TEM QUE SER OBRA DO POVO PORTUGUÊS

Com o enfraquecimento cada vez maior ao imperialismo americano e inglês o governo fascista de Salazar, acarreta para o povo português, novos e tremendo sacrifícios. Com a sua sinistria política, a camarilha fascista, procura envolver Portugal nos horrores dum nova guerra

(POR MIGUEL)

e transformar a juventude em carne de canhão. De tal política, resulta também a perda da independência Nacional e um maior cercamento dos direitos políticos e

sobretudo o povo e o empobrecimento das massas trabalhadoras do nosso país: baixos salários, constante aumento do desemprego, maior exploração, más condições de trabalho e assistência, péssima habitação e o aumento diário do custo da vida. Para as camadas da pequena e média burguesia, resulta um agravamento da sua já degradada situação económica com maiores impostos e dificuldades de toda a ordem, em proveito dos capitalistas nacionais e estrangeiros.

Frente à situação, torna-se claro que todo o Partido deve ter como tarefa central, a discussão dos problemas vivos do nosso povo, a fim de saber uní-lo na luta pela satisfação das suas aspirações mais sentidas e imediatas pela Paz, pelo Pão, pela Terra, pela Democracia e Independência Nacional e pelo derubamento do regime fascista.

Esta imperiosa necessidade, não está ainda bem compreendida por muitos camaradas do Partido. Há ainda camaradas que subestimam a situação de opressão e miséria do nosso povo, não vendo que esta deve servir de base para a criação dum amplo movimento de Unidade Nacional contra o fascismo.

Ainda, recentemente, quando numa reunião se apreciava a situação política internacional e nacional, três camaradas que compõem um organismo, nas suas intervenções, deram mais realce à situação política internacional tendo feito apenas ligeira referência à verdadeira situação e à luta do nosso povo, apesar de ter sido a base da discussão, a verdadeira situação política nacional.

Tal procedimento, não é estranho à lição que por vezes aparece em alguns camaradas, de que são os acontecimentos internacionais que decidirão do derubamento do fascismo.

Tais camaradas, apesar de toda a sua dedicação e dis-

posição em servir o partido, não compreendem ainda, que só uma luta organizada e activa de todo o povo, na base das suas reais aspirações e cabará com o maléfico regime de opressão, fome e miséria e dará ao povo português um Governo Democrático de Unidade Nacional que lhe resolverá todos os seus problemas.

Sem descartar a influência que os acontecimentos internacionais possam ter na situação política nacional, é fundamental que todos os camaradas compreendam que o derubamento do fascismo tem de ser obra da classe operária, tem de ser obra do povo português.

Nestas condições, importa que em todas as organizações se discuta as condições de vida das massas trabalhadoras e do nosso povo e quais as tarefas que ao Partido se colocam.

É fundamental que, cada camarada, compreenda que a luta contra o fascismo deve assentar na formação de comissões da Paz que atraiam o povo, à luta contra a política de guerra, pela saída de Portugal do Pacto do Atlântico, que deve assentar na formação de Comissões do MND: que deve assentar na formação de Comissões de Unidade permanentes, Comissões Sindicais que saibam levar todos os trabalhadores a lutar e a fortalecer a sua Unidade contra o desemprego, por maiores salários, contra as multas e castigos, por melhores condições de vida, melhor assistência e por eleições honestas nos Sindicatos.

Se todos os camaradas se compreenderem que esta deve ser a base da luta do povo português, novos e importantes passos serão dados para a conquista da Paz e da Democracia. Mas para tudo isto é absolutamente indispensável que todos os comunistas desempenhem papel dirigente, papel de vanguarda, dando novas provas de iniciativa e de sacrifício integrando-se mais dentro dos problemas e aspirações da classe operária.

DISCIPLINA PARTIDÁRIA



O Partido é intransigente na defesa dos seus princípios orgânicos. Esta orientação deve ser aplicada com maior rigor nas duras condições da luta e da clandestinidade em que vivemos.

Quando não há um rigoroso respeito pela disciplina do Partido nem a preocupação de levar à prática as suas resoluções, correm-se maiores riscos conspirativos, enfraquece-se o Partido e minam-se os seus próprios alicerces.

Entretanto, há camaradas que mostram não compreender ainda esses princípios fundamentais. Esquecem as resoluções que foram aprovadas no seu organismo ou que lhe foram comunicadas, realizam tarefas conforme o seu parecer pessoal e não de acordo com a orientação estabelecida para cada caso concreto.

Tais faltas não podem ser analisadas ligeiramente. O Partido deve ser intransigente com faltas do tipo que acabamos de referir porque isso contribui para o fortalecimento da disciplina e do centralismo democrático do Partido.

Perante casos de infracção cometidos por camaradas funcionários, o Secretariado do C.C. resolveu:

Criticar o camarada Ma. por falta de controlo da execução e de prontidão na realização duma tarefa que lhe foi consignada e que exigia solução urgente. Não procurando cumprir rapidamente a resolução do Partido, o camarada Ma. causou prejuízos políticos e económicos ao Partido e fez correr perigos conspirativos a outros camaradas.

Censurar o camarada Mo. por reincidir na quebra da disciplina partidária sobre resoluções de carácter conspícuo que puseram em perigo a sua segurança pes-

soual e por reincidir em métodos deficientes de administração de fundos.

Censurar o camarada A. por quebra de disciplina partidária, por má defesa dos quadros do Partido e repetição de liberalismo no gasto dos fundos do Partido.

Criticar o camarada L. por má defesa conspícuo, por actos de indisciplina partidária, realizando uma tarefa não dentro do espírito da resolução tomada, mas de acordo com a sua opinião pessoal.

Ào mesmo tempo que sanciona estes camaradas, o Secretariado do C.C. tomou medidas para que nos organismos a que estes camaradas pertencem seja aberta discussão sobre as faltas que cada um destes camaradas cometeu, procurando desta forma que os camaradas recebam uma ajuda mais directa do Partido e rectifiquem as suas incompreensões.

É necessário abriremos discussão crítica sobre os prejuízos que os actos de indisciplina causam ao Partido. Devemos ter presente que muitos camaradas têm sido presos ou posto em perigo a sua segurança ou a de outros camaradas ou organizações porque não têm cumprido as resoluções do Partido em matéria conspícuo e de vigilância revolucionária, porque não têm sido disciplinados.

A unidade do Partido é uma questão vital para o Partido. Os militantes que não cumprem as resoluções do Partido minam a sua unidade e mostram não ter uma justa compreensão da disciplina do nosso Partido.

O Secretariado do C.C. chama a atenção de todos os camaradas do Partido para fazerem um esforço sério para a elevação do seu nível ideológico e político, como forma de eliminar as deficiências e incompreensões ainda existentes no seio do Partido.

EXTRACTOS DUMA CARTA ENVIADA EM 1945 DA JUSTIÇA, QUANDO A PIDE PRENDEU

...fascistas, reduzistes as massas trabalhadoras à miséria e ao obscurantismo, transformastes Portugal num grande campo de concentração e trabalhos forçados, procurastes ligar a sorte do nosso país à aventura terrorista da Alemanha hitleriana. Vós, fascistas, traistes o povo e traistes a Pátria. Podeis estar certos de que o povo português, farto de tanta exploração e

PELO CAMARADA ALVARO CUNHAL AO MINISTRO SEU PAI E SUA IRMÃ COMO REFENS:

tanto crime, se levantará para a luta libertadora. A vossa derrota é uma necessidade histórica. E não deveis esquecer que as vilmes de hoje serão os juizes de amanhã. A vós, traidores ao povo e à Pátria, falta autoridade para julgar homens justos. E ao nosso povo sobram razões e autoridade para vos julgar a vós, fascistas inimigos do povo.